

Lili Pimenta, a dona da bola

Edson Gabriel Garcia

Projeto de trabalho interdisciplinar

Guia do professor



Este guia tem em vista uma abordagem interdisciplinar de dois temas sugeridos pela obra *Lili Pimenta, a dona da bola*: os preconceitos e estereótipos existentes em relação aos tipos de diversão de meninos e meninas e o plebiscito.

As atividades aqui sugeridas estão divididas em três partes. As primeiras se destinam a estimular os alunos para a leitura integral da obra. O con-

junto de atividades seguinte procura promover a integração entre texto e contexto. Embora hoje nossa sociedade já aceite bastante bem que as mulheres exerçam atividades antes tidas como exclusivamente masculinas, meninas e meninos ainda sofrem represálias quando resolvem brincar com brinquedos considerados próprios do sexo oposto. Assim, ainda é relevante proporcionar aos alunos uma reflexão sobre o assunto. Então apresentamos, para seu subsídio, um artigo sobre brincadeiras infantis. As últimas atividades consistem na organização de um plebiscito, esse importante instrumento das sociedades democráticas, em sua sala de aula (ou, se for o caso, na escola).

Motivação para a leitura

1. Proponha aos alunos que respondam às seguintes perguntas:
 - Quem entre vocês gosta ou já gostou de brincar de coisas consideradas próprias do sexo oposto?
 - Meninas não brincam de carrinho e de bola? Meninos não brincam de boneca? (Lembrem-se dos super-heróis, dos bonecos de personagens de filmes, etc.)
2. Apresente à classe o livro *Lili Pimenta, a dona da bola*. Converse sobre o título, mostre a capa, pergunte o que esses elementos sugerem. Peça então que o leiam e reflitam sobre o que meninos e meninas fazem para se divertir juntos ou em grupos do mesmo sexo e, nesse caso, por que ocorre essa distinção.

Do texto ao contexto

3. Para ajudar você, professor, a conduzir a reflexão e a discussão dos alunos sobre o machismo em relação às brincadeiras das crianças, apresentamos a seguir trechos de um artigo que consideramos relevante:

Brincadeira não tem sexo. Meninos e meninas podem – e devem – brincar do que tiverem vontade

Malu Echeverria

“Mãe, me dá um carrinho de aniversário?”, perguntou

Manuela, de 3 anos. “Claro, filha. Você quer dizer um carrinho para levar as bonecas?”, ironizou a mãe, a secretária Fernanda Mendes Messias. Fernanda, assim como muitos pais, tem receio de que a filha, que adora carrinhos e espadas, seja influenciada pelas brincadeiras pouco adequadas ao seu sexo. “Temo que ela fique muito moleca”, admite. Pais de meninos são ainda mais zelosos. “Eles perguntam se é normal o filho gostar de bonecas. Alguns até proibem as brincadeiras”, afirma a psicóloga Evani Pecci Costa, diretora da Brinquedoteca Apoio Total, em São Paulo. A dúvida dos pais, em geral, está relacionada à orientação sexual das crianças no futuro. Será que meu filho vai ficar afeminado se vestir a fantasia da Cinderela? E minha filha, fã de lutas marciais, será uma mulher brutalhada? Vamos deixar claro desde o início: essas inquietações não têm fundamento algum. “Não existe brincadeira de menino ou de menina. A diferenciação é apenas cultural. [...] O brincar não exerce influência sobre a opção sexual simplesmente porque, para as crianças, não tem essa conotação”, explica o sexólogo Marcos Ribeiro, autor de diversos livros sobre sexualidade infantil, como Menino brinca de boneca? (Editora Salamandra). [...]

Velhos tempos

A diferenciação nas brincadeiras, dividindo meninos e meninas em grupos distintos, está relacionada a normas sociais que têm origem na desigualdade entre os sexos. “As brincadeiras de menino, em geral, envolvem atividades ao ar livre, como bicicleta, pipa ou skate. As meninas brincam de casinha. Isso é comum porque, antigamente, era papel do homem sair de casa para trabalhar, enquanto às mulheres cabiam os cuidados com o lar”, constata a pedagoga Maria Angela Barbato Carneiro, coordenadora do Núcleo de Cultura, Estudos e Pesquisas do Brincar da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Acontece que os papéis sociais mudaram. Hoje, as mulheres também trabalham fora. Os homens, por sua vez, participam dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos. “Ao limitarem as brincadeiras das crianças, os pais reproduzem um modelo que não existe mais”, completa o sexólogo Marcos Ribeiro.

[...]

“No faz-de-conta, as crianças copiam os adultos ao redor. O menino que troca fralda da boneca, provavelmente, está imitando alguém da família”, afirma a educadora Maria Angela. Ela sugere que, antes de criticar, os pais observem as brincadeiras e os grupos em que as crianças estão inseridas. “Ao brincarem de casinha, os meninos representam papéis masculinos. São o pai, o médico, o motorista. Já nas brincadeiras em grupo, quando uma das crianças pertence ao sexo oposto, entra no ritmo da maioria apenas para não ficar de fora da diversão”, diz. [...] É por meio do “brincar de” que as crianças aprendem a lidar com os próprios sentimentos, buscando compreender o mundo, os valores e a identidade. [...]

(Extraído de <http://revistacrescer.globo.com/Crescer/0,19125,EFC976671-2213,00.html>.)

4. Estimule os alunos a lembrarem-se de seus brinquedos preferidos quando eram menores:
 - Que brincadeiras “de menina” os meninos achavam interessantes?
 - Que brincadeiras “de menino” as meninas achavam interessantes?
 - Os alunos conhecem meninas que gostavam de carrinhos? E meninos que gostavam de boneca?
 - Na opinião deles, por que algumas pessoas acham que meninos não devem brincar de boneca e meninas não devem brincar de carrinho?
 - Na opinião deles, os bonecos de super-heróis e outros semelhantes também não são bonecos?
5. Assim estimulados, proponha aos alunos que conversem sobre o tema. Registre com eles os principais pontos da conversa e as conclusões, se houver.
6. Se for possível, encerre a discussão assistindo com a classe ao filme *Billy Elliot*, direção de Stephen Daldry (Inglaterra, 2000/

Universal), sobre o menino que enfrenta a oposição da família e o preconceito das pessoas da pequena cidade onde vive para poder se dedicar ao balé.

Organizando um plebiscito

7. O princípio básico de um plebiscito é dizer sim ou não a uma dada questão que tenha relevância para a comunidade. Estimule os alunos a pensar em uma questão polêmica da obra *Lili Pimenta, a dona da bola*, da escola ou da sociedade sobre a qual seria interessante perguntar a opinião da coletividade (que pode ser a classe ou a escola toda). Sugerimos algumas: a distinção entre meninos e meninas para determinados jogos e brincadeiras; obrigatoriedade do uso de uniforme na escola; proibição de mascar chiclete em sala de aula; voto obrigatório nas eleições brasileiras; etc.
8. Organize os alunos em grupos de quatro e peça a cada grupo que sugira um tema para o plebiscito.
9. Colete os temas dos grupos e faça uma votação para selecionar um único tema para o plebiscito.
10. Estimule os alunos a conversarem uns com os outros e com outras pessoas e a pesquisar em fontes variadas, antes do plebiscito – que pode ser realizado uma semana depois da definição do tema –, para que eles possam se informar e chegar a uma conclusão sobre a questão em votação. Se possível, realize debates, de modo que tanto os favoráveis como os contrários àquilo que se propõe tenham oportunidade de expor seus argumentos.
11. Se o tema escolhido for relevante para a escola e houver autorização da diretoria, proponha uma campanha, com cartazes apresentando os argumentos a favor e contra. Defina com os demais professores o dia do plebiscito.